



## **TEORIA GERAL DOS COMPLEXOS : UMA ABORDAGEM JUNGUIANA**

A *via régia* para o inconsciente... não é o sonho, como pensava [Freud], mas o complexo, que é o arquiteto dos sonhos e dos sintomas. Nem é essa via tão “real” assim, pois que o caminho apontado pelo complexo assemelha-se mais a uma senda rude e extremamente tortuosa. (JUNG, CW 8, par. 210).

Ao introduzir o tema, Jolande Jacobi, destaca como subtítulo: “*Os agrupamentos de idéias de acento emocional no inconsciente*” (JACOBI, 1957, p.16), tal menção se explica pelo fato de que Jung, quando na clínica universitária de psiquiatria em Burgholzli, desenvolveu trabalhos que culminaram com a publicação da obra *Estudos diagnósticos das associações* que introduziu a noção de “complexo de acento emocional” como “*agrupamentos de idéias de acento emocional*” e que mais tarde passou a ser considerada apenas como “complexo”. (Loc. cit.)

Estas investigações tiveram por base os “processos associativos de palavra”, uma vez que Jung os percebia como sendo o reflexo ativo da psique a ponto de demonstrar através destes testes que as “perturbações” de ordem afetivo-emocional “(...) eram da natureza interna da psique e provinham de uma esfera situada fora da vontade objetiva do consciente e que esta esfera só se apresentava quando a atenção ia se enfraquecendo.” (Op. cit., p. 17). Partindo desta linha de investigação percebeu-se que os complexos deviam à sua natureza emocional sua relativa autonomia.

Os complexos interferem com as intenções da vontade e perturbam o desempenho da consciência; produzem perturbações da memória e bloqueio do fluxo das associações; aparecem e desaparecem conforme suas próprias leis; (...) (JUNG, CW 8, par. 253).

Com as contínuas pesquisas implementadas por Jung, também se concluíram que os complexos possuíam uma variedade limitada o que permitia compreendê-los e agrupá-los em determinadas categorias (paterno, materno, parental...).



Jung propôs que os complexos se fundamentariam em “*prontidões emocionais, respectivamente instintos.*”<sup>1</sup> com um “(...) *aspecto dinâmico e outro formal.*” (Loc. cit.), onde o segundo aspecto, por se expressar por meio das imaginações fantasistas são denominados arquétipos.

O complexo carrega, conforme descreve JACOBI, a “tonalidade de sentimento” (Loc. cit.) do todo, incluindo todas as particularidades com os quais este pode estar ou vir a estar relacionado. Deste modo, o complexo é constituído, conforme Jung, por duas partes: (1) o elemento nuclear ou portador de significado;<sup>2</sup> e, (2) as associações.<sup>3</sup> Quando um “estímulo externo” sensibiliza as “tonalidades sentimentais” produzindo um choque entre o real e o imaginário, dá-se uma cisão entre os valores que estão sendo considerados estruturalizantes da psique e o que a realidade apresenta como factual, ocorrendo isto, a psique agrega ao “motivo condutor” (estímulo externo) os aspectos “portadores de significado” e “associativos” dando nascimento à formação de um complexo. Diz Jung: “*A etiologia (...) é freqüentemente um (...) trauma, um choque emocional ou coisa desse tipo que cinde um pedaço da psique.*” e completa: “(...) *uma das causas mais comuns é um conflito moral que, (...), deriva da aparente impossibilidade de afirmação da natureza total de si mesmo.*” (JUNG, CW 8, par. 204).

Assim sendo, o complexo pode ser entendido como sendo um “(...) *grupo de idéias ou imagens carregadas emocionalmente.*” conforme mostra Jung ao citar que “[*Um complexo*] *é a imagem de uma determinada situação psíquica, com acentuada carga emocional e, além disso, incompatível com a atitude habitual da consciência.*” (Op. cit., par. 201).

Outro aspecto de relevante interesse é o fato de que os complexos “(...) *têm caráter não apenas obsessivo, mais muitas vezes francamente possessivo, motivando erros de memória e de juízo e todos os tipos de gafes aborrecidas, ridículas e traiçoeiras. Eles contrariam a capacidade de adaptação do consciente.*”<sup>4</sup> Este fato é considerado por JACOBI ao dizer que é fundamental que se reflita com maior cautela sobre a importância que se atribui ao que ela denomina “supremacia da vontade” e “império da consciência”, uma vez que como diz Jung: “*Todos sabem, (...), que as pessoas ‘têm complexos’. O que não é tão bem notório, embora mais importante teoricamente, é que os complexos podem nos ‘ter’.*” (CW 8, par. 200) e quando isso ocorre os efeitos dos complexos deixam de ser positivos assumindo uma polaridade negativa capaz de gerar perturbações psíquicas. Jung afirma que “*Os complexos são pontos focais (...) da vida psíquica, dos quais não deveríamos querer nos desfazer; (...), pois do contrário a atividade psíquica chegaria à total paralisação.*” (CW 6, par. 925). Os complexos, então, podem ser considerados como constituintes da psique que guardam em si os aspectos concernentes às emoções humanas. Vendo por este aspecto, negativo não é o complexo, mas os efeitos que estes são capazes de desencadear.

<sup>1</sup> **Instintos:** “(...) manifestam-se em imaginações fantasistas, atitudes e atos irrefletidos e involuntários, que, por um lado, mantém uma mútua harmonia interna e, por outro, são idênticos às reações instintivas dos *homo sapiens*. (...) Tais imaginações, (...), têm caráter relativamente autônomo (...)” (JUNG. in JACOBI, 1957, p. 10)

<sup>2</sup> **Elemento nuclear:** (ou portador de significado) localiza-se no inconsciente e não é “dirigível”, portanto, não se submete à vontade consciente. [N. do A.]

<sup>3</sup> **Associações:** cuja origem é tanto da disposição original da pessoa, quanto das vivências ambientais do indivíduo. [N do A.]

<sup>4</sup> JUNG in JACOBI, 1957. p. 9.



(...) ter complexo (...) significa que existe algo que é discordante, não assimilado e antagônico, talvez como um obstáculo, mas também como um incentivo para um esforço maior e assim, talvez para novas possibilidades de realização. (Loc. cit.)

Considera-se, portanto, o efeito negativo do complexo como uma distorção em alguma ou algumas das “funções psicológicas.”<sup>5</sup> Deste modo, as reações observadas, por ocasião de um estímulo externo, são percebidas de forma exagerada acarretando um julgamento inapropriado mediado pelo impulso ditado pelo complexo. Jung ao observar isto fez o seguinte comentário: “*Ter um complexo não significa necessariamente uma neurose (...)*” (CW 16, par. 179), embora estar identificado com o complexo possa ser neurotizante e até psicotizante, porque, completa Jung, “*Um complexo torna-se patológico somente quando pensamos que não o temos.*” (Loc. cit.).

Já a identificação<sup>6</sup> com o complexo (anima, animus, sombra, ...) é, geralmente, fonte de neurose. O papel do psicoterapeuta frente a uma situação deste tipo é o de estabelecer um “espaço” onde é possível a compreensão da influência exercida pelos complexos sobre o comportamento e as reações, minimizando assim o impacto dos efeitos negativos sobre a psique humana, pois como afirma Jung:

Um complexo só pode ser realmente superado se for vivido em sua plenitude. Em outras palavras, se quisermos nos desenvolver melhor, devemos atrair para nós e beber até a última gota aquilo que, por causa de nossos complexos, mantivemos a distância. (CW 9i, par. 184).

Vale lembrar que alguns complexos têm uma maior relevância na psicologia junguiana, devido a sua frequência ser maior, como, p. ex., os complexos de poder, materno, parental e paterno.

Ao ser abordado o complexo de poder é importante lembrar que este é constituído de idéias carregadas emocionalmente, porém que associam às influências e às experiências a uma atitude de subordinação ao ego.

O complexo materno constitui-se também de idéias carregadas de sentimentos, porém associadas à experiência e à imagem da mãe. Este complexo tem como primeiro referencial à experiência com a mãe pessoal, no entanto, à medida que as relações com outras mulheres começam a se estabelecer, esta experiência adquire uma perspectiva mais coletiva. A identificação (ou constelação) com este complexo produz

<sup>5</sup> **Funções psicológicas:** Jung as estudou e classificou em quatro tipos: sentimento, pensamento, intuição e sensação. (para maiores detalhes v. JUNG, 1971, CW 6.)

<sup>6</sup> **Identificação:** processo psicológico no qual a personalidade é parcial ou totalmente desassimilada [e no caso desta identificação ser em relação ao complexo, pode ser experimentada como possessão]. (JUNG, CW 9i, par. 742.).



efeitos diversamente significativos na psique. Jung chega a mencionar que “*Os efeitos típicos em um filho são a homossexualidade e o dom juanismo, e algumas vezes também a impotência (...)*” (Op. cit., par. 162), uma vez que a heterossexualidade do filho encontra-se ancorada na mãe, de forma inconsciente, explica Jung (Loc. cit). Na filha o efeito se volta para a estimulação do instinto feminino ou de sua inibição, o que acarreta a inconsciência de sua própria personalidade.

O exagero do aspecto feminino significa uma intensificação de todos os instintos da mulher, especialmente do instinto maternal. O aspecto negativo é visto na mulher que tem a maternidade como única meta. (...) o marido é (...) antes e acima de tudo um instrumento de procriação, (...) um objeto a ser cuidado, assim como cuida de filhos, parentes pobres, gatos, cães e de mobília da casa. (Op. cit., par. 167).

A manifestação inibida, ou até mesmo inteiramente suplantada dos aspectos femininos, surge “*Como um substituto, resulta um Eros superdesenvolvido, o que leva (...) a uma relação incestuosa inconsciente com o pai.*” (Op. cit., par. 168) daí resultando um “*ciúme da mãe e o desejo de sobrepuja-la (...)*.” (Loc. cit.). No entanto, esta mesma inibição pode assumir uma perspectiva alternativa que se expressa por meio de uma identificação com a mãe, o que acarreta uma inconscientização do instinto maternal, assim como dos aspectos do Eros, que passam a ter uma existência projetiva na mãe. Ao que Jung se refere afirmando que “*Como uma espécie de supermulher (...) a mãe vive, (...), tudo o que a jovem poderia viver por si mesma. Ela contenta-se em apegar-se a sua mãe com abnegada devoção, enquanto (...), inconscientemente, tenta, (...) tiraniza-la, (...) sob a máscara de completa lealdade e devoção.*” (Op. cit., par. 169).

Socialmente estas mulheres acabam por serem vítimas das projeções dos homens como esposas devotadas e sacrificadas, projetando nos maridos seus dons latentes. Deste modo, é possível encontrar homens que viviam uma vida limitada, de pouca perspectiva, tornarem-se bem sucedidos após terem se casado. Já as mulheres, quando nesta situação, conseguem algum tipo de realização e projeção social, isto se dá pela função do Logos, onde Jung chama a atenção para o fato de que “*Esta rara combinação de feminilidade com uma compreensão masculina mostra-se válida tanto no campo das relações íntimas como em assuntos práticos*” (Op. cit., par. 186), uma vez que sobre este aspecto o complexo materno não exerce influência. Para concluir, é possível inferir que todo complexo materno guarda em si o arquétipo materno, o que em outras palavras significa dizer que ao se considerar as associações de conteúdo emocional, tanto de homens como de mulheres, com a pessoa de suas mães, não poderá deixar de ser considerado (1) a imagem coletiva de nutrição e segurança, e nem tampouco, o aspecto (2) possessivo devorador, o que estabelece uma polaridade “positiva” e “negativa” a ser considerada.

O complexo parental que também se define como idéias carregadas emocionalmente irão se associar com os pais, de tal modo que Jung acreditava que a numinosidade que cerca os pais pessoais era devida a uma imagem arquetípica



vinculada aos pais primordiais como pode ser observado na citação que diz: “A importância que a psicologia moderna atribui ao ‘complexo parental’ é a continuação direta da experiência que o homem primitivo tem da perigosa força dos espíritos ancestrais.” (CW 7ii, par. 293), portanto, sob esta perspectiva insurge o aspecto da *imago*<sup>7</sup> dos pais criado a partir da experiência concreta com os pais e da vivência coletiva inata. Jung ressalta que “Enquanto uma semelhança positiva ou negativa com os pais for o fator determinante (...), a liberação da imago parental, e (...) da infância, não será completa.” (CW 10, par. 74).

Os complexos paternos associados à experiência e à imagem paterna também possuem conteúdos emocionais. Os efeitos de uma identificação se fazem perceber como aspectos positivos a partir do momento que “(...) confere uma certa credulidade em relação à autoridade e uma clara disposição a inclinar-se diante de todos os dogmas e valores espirituais, (...)” (JUNG, CW 9, par. 396); na mulher observa-se que a influência desperta “(...) os mais vivos anseios e interesses espirituais.” (Loc. cit.). Jung ressalta que, de uma maneira geral, o complexo paterno manifesta-se na *persona*<sup>8</sup> e na *sombra*,<sup>9</sup> quando identificado com o homem; e, no *animus*<sup>10</sup>, quando na mulher. Ao constelar a mulher, o complexo paterno “(...) exerce influência sobre a mente ou o espírito de sua filha – sobre seu ‘Logos’. (...) através do aumento da intelectualidade (...), muitas vezes a um grau patológico, (...)” (JUNG, CW 5, par. 272) que foi descrito por Jung como “possessão do animus”.

Empreendeu-se neste ensaio a tentativa de delimitar e elucidar alguns aspectos

relevantes concernentes à ampla e profunda Teoria Geral dos Complexos, no intuito de provocar interesse para um maior aprofundamento deste que é, juntamente com os Símbolos e os Arquétipos, um dos três conceitos fundamentais à compreensão da Teoria Junguiana.

## BIBLIOGRAFIA:

JACOBI, Jolande. “Complexo, arquétipo e símbolo – na psicologia de C. G. Jung.” São Paulo: Cultrix, 1957.

<sup>7</sup> **Imago**: termo que diferencia a realidade objetiva de uma pessoa ou coisa, da subjetividade a ela conferida. [N. do A.]

<sup>8</sup> **Persona**: representa o “eu” que utilizamos e com o qual nos relacionamos com o mundo exterior. [N. do A.]

<sup>9</sup> **Sombra**: representam os aspectos ocultos do inconsciente de si mesmo, podendo ser bons ou maus, reconhecidos ou reprimidos pelo ego. [N. do A.]

<sup>10</sup> **Animus**: significando o aspecto interior masculino do psiquismo feminino. [N. do A.]



**JUNG**, Carl Gustav. “*Símbolos da transformação*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 5.

\_\_\_\_\_. “*Tipos psicológicos*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 6.

\_\_\_\_\_. “*Eu e o inconsciente*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 7ii.

\_\_\_\_\_. “*A dinâmica do inconsciente*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 8.

\_\_\_\_\_. “*Os arquétipos e o inconsciente coletivo*”. Petrópolis: Vozes, 1976. CW 9i.

\_\_\_\_\_. “*Civilização em transição*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 10.

\_\_\_\_\_. “*A prática da psicoterapia*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 16.

---

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: [dr\\_mauricioaranha@yahoo.com.br](mailto:dr_mauricioaranha@yahoo.com.br)